

Teatro

24, 25, 26, 28, 29, 30 Setembro '09

A Orelha de Deus de Jenny Schwartz

Encenação de Cristina Carvalhal

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Título original *God's Ear* (2007) **Encenação** Cristina Carvalho **Tradução** Rogério Casanova
Com Cucha Carvalheiro, Diana Sá, Emílio Gomes, Luísa Cruz, Manuel Wiborg, Pedro Carmo e Sandra Faleiro **Cenário e figurinos** Ana Limpinho e Maria João Castelo
Música Sérgio Delgado **Desenho de luz** José Manuel Rodrigues **Fotografias** Pedro Marques
Produção executiva Mafalda Gouveia **Co-produção** Culturgest, Teatro Oficina e Causas Comuns
Apoios Arsoft, Hasbro, SATA **Agradecimentos** Teatro Nacional D. Maria II, David Santos, Olga Roriz, Nuno M. Cardoso, Nuno Carinhas, Sara Carinhas, João Limpinho, José André, Pedro Carvalho, Moreno Cabelheiros

Outras apresentações Centro Cultural Vila Flor, Guimarães, 2 de Outubro;
Teatro Viriato, Viseu, 23 e 24 de Outubro

A tradução da peça está publicada na colecção Livrinhos de Teatro, numa edição Artistas Unidos/Culturgest/Livros Cotovia.

Qui 24, Sex 25, Sáb 26, Seg 28, Ter 29, Qua 30 de Setembro
Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h30 · M16

Entre pensar e dizer

A primeira vez que li este texto fiquei fascinada pela sua estrutura formal. Uma espécie de partitura musical onde o ritmo e o prazer do jogo com as palavras concorrem para a criação de um ambiente onírico, onde realidade e ficção se misturam e as categorias de espaço e tempo se diluem. Mas, sobretudo, interessou-me a sensação de que propunha uma imersão no líquido sináptico de uma “cabeça pensante”, de que acompanha essa viagem entre o pensar e o dizer, esse lapso de tempo, esse espaço semi-abstracto onde as palavras se formam mas ainda contaminadas de vizinhanças sonoras e de sentido.

A tragédia da perda de um filho distorce a capacidade comunicacional no interior da célula familiar, os diálogos tornam-se absurdos e o humor instala-se. O riso nasce da nossa capacidade de inteligir o caos criado e no entanto ela move-se: a dor.

O mote é dado pelo prólogo: o coma que antecedeu a morte de Sam.

Entraremos no terreno do inconsciente que jaz nas profundezas do iceberg. Para Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, mas trata-se de uma estrutura que não se organiza em torno de um centro, um sentido ou um significado estável: como nos ensina Derrida, esse lugar central engendra apenas outra cadeia de significantes, e assim sucessivamente.

Sabemos que os sonhos estão em contacto directo com o material dos mitos, textos de ficção, ditos populares e folclore. E tal como nos sonhos, também aqui, assistimos à construção de um mundo povoado por esses elementos,

que nos surpreendem pelo aparente deslocamento relativamente a um contexto, onde os temas são fragmentados, substituídos ou deformados para nos revelarem possíveis narrativas.

Num processo colectivo de análise e experimentação, procurámos abordar este universo através do levantamento de situações e percursos emocionais das personagens, assim como de arquétipos e simbologia presentes, mantendo contudo as inúmeras ambiguidades que o texto propõe.

Como se essa incapacidade de nomear em definitivo, de apreender a totalidade, esse querer debruçar-se sobre o invisível, esse tipo de comunicação incompleto e desestabilizador fosse realmente o cerne do espectáculo.

Cristina Carvalho

Fadiga semântica

Apropriadamente para uma peça estruturalmente deformada para se assemelhar a um sonho, *A Orelha de Deus* é também um pesadelo de tradução. Não apresenta desafios de inovação, mas sim de memória: memória de todas as formulações gastas, de toda a linguagem morta que os nossos radares verbais captaram ao longo da vida. A tradução procurou manter a essência do texto – um texto americano, com referências claramente americanas – só resvalando para a adaptação cultural quando estritamente necessário, e tentando, na medida do possível, preservar o formidável ritmo cómico do original.

A Orelha de Deus é essencialmente sobre clichés. As personagens movem-se naquele maleável espaço interior

entre o que se sente e o que se pensa, tentando arrumar as suas respostas à mágoa e ao distanciamento sem recorrerem a uma das mais básicas desonestidades da Arte – a procura de originalidade e eufonia para transmitir emoções em segunda mão, mas cujo poder não é diluído pelo facto de serem herdadas. Mel e Ted perderam um filho e estão a perder-se um ao outro; mas o melhor que conseguem fazer para comunicar é regurgitar uma litania universal de lugares comuns, frases feitas, coloquialismos e referências culturais sobre o que significa perder um filho e perder-se um ao outro. A peça progride por uma espécie de arqueologia emocional, em que ambos – e o espectador – têm de identificar e exumar as pequenas relíquias de humor, sinceridade e empatia escondidas numa vasta paisagem de fadiga semântica e expressividade fossilizada.

Se a tradução foi eficaz, quando o árbitro apitar de corpo e alma, todos teremos mais fezes no futuro.

Rogério Casanova

© Pedro Marques





Jenny Schwartz

Jenny Schwartz é uma dramaturga sediada em Nova Iorque. Licenciou-se na Julliard School, tendo recebido uma bolsa no contexto do programa de escrita teatral Lila Acheson Wallace. Fez o mestrado em encenação da Columbia University. As suas peças *Intervals* e *Cause for Alarm* integraram o New York International Fringe Festival respectivamente em 1998 e 2002. Recebeu duas bolsas da Fundação Lecomte du Nouy do Lincoln Center. Escreveu recentemente *Somewhere Fun*, uma encomenda do Soho Theatre de Londres e do Soho Rep de Nova Iorque. Tem em mãos uma encomenda do South Coast Repertory. Foi a primeira receptora da bolsa de dramaturgia Dorothy Strelsin concedida pelo Soho Rep e fez uma residência no Sundance Institute no Inverno de 2008. É artista associada da companhia The Civilians e integra os New Dramatists. *God's Ear* estreou no East 13th Theatre em Nova Iorque a 2 de Maio de 2007,

com encenação de Anne Kauffman, canções de Michael Friedman com letras adicionais de Jenny Schwartz, dramaturgia de Sarah Stern, cenografia de Kris Stone, desenho de luz de Tyler Micoletau, desenho de som de Leah Gelpe, figurinos de Olivera Gajic, casting de Paul Davis/Calleri Casting e interpretação de Christina Kirk, Gibson Frazier, Monique Vukovic, Judith Greentree, Annie McNamara, Matthew Montelongo e Raymond McAnnaly, numa produção New Georges. Foi subsequentemente produzida pelo Vineyard Theatre (Off Broadway) na Primavera de 2008 e está publicada na Faber & Faber e Samuel French.

Ana Limpinho

Ana Limpinho fez o bacharelato em Realização Plástica do Espectáculo da ESTC. Colaborou com as companhias Teatro do Montemuro (enc. Graeme Pulleyn, Abel Neves, Peter Cann, Gil Nave e Steve Johnstone), Teatro Meridional (enc. Miguel Seabra) e Comédias do Minho (enc. João Pedro Vaz) e com os encenadores André Amálio, Cristina Carvalhal, Francisco Salgado, Gonçalo Amorim, Jorge Listopad, Luís Gaspar, Luca Aprea, Nuno Nunes e Maria João Miguel.

Cristina Carvalhal

Cristina Carvalhal trabalha desde 1987 como actriz no teatro, cinema e televisão. Foi co-fundadora da Escola de Mulheres – Oficina de Teatro. Entre os espectáculos que dirigiu, destaca: *De Que Falamos*

Quando Falamos De Amor (em parceria com João Vieira), a partir de contos de Carver; *Cosmos*, baseado no romance de Gombrowicz; *Erva Vermelha*, adaptação da novela de Boris Vian; *Libertação* de Lluís Cunillé; *Cândido*, baseado na novela de Voltaire; e *Terra Interior*, sobre o universo de Peter Handke.

Cucha Carvalheiro

Cucha Carvalheiro é licenciada em Filosofia. Interpretou os mais diversos autores teatrais, entre os quais Sófocles, Eurípedes, Tchêkhov, Feydeau, Eduardo de Filippo, Neil Simon, Jean Genet, Mishima. Foi dirigida por Jorge Listopad, Rogério de Carvalho, João Mota, Mário Viegas, Fernanda Lapa, Miguel Seabra, Natália Luíza, Carlos Pimenta, entre outros. Pela sua interpretação em *A Cabra*, de Edward Albee, encenada por Álvaro Correia, foi premiada com o Globo de Ouro 2004 – Actriz de Teatro.

© Pedro Marques



Diana Sá

Diana Sá é licenciada pela ESMAE. Interpretou obras de Jacinto Lucas Pires, Will Eno, Connor McPherson, Regina Guimarães, Sanchis Sinisterra, Gil Vicente, Molière, Beckett, Raul Brandão, Karl Valentin, Jean Genet. Trabalhou em produções dirigidas por Denis Bernard, Mário Barradas, Julio Castronuovo, Paula Simms, Nuno Pinho Custódio, Graeme Pulleyn, Walter Jansens, José Carretas, entre outros. Actualmente, é actriz residente do Teatro Oficina.

Emílio Gomes

Emílio Gomes é licenciado em Estudos Teatrais na ESMAE. Trabalhou com Rogério de Carvalho, António Durães, João Mota, Paula Simms, Júlio Castronuovo, Denis Bernard, António Pires, Alan Richardson, Jen Hayes e Nuno

Cardoso. Em 2001 cria o Teatro Atípico. Integra, em 2003, a companhia Teatro Oficina. Encenou em 2005 *As Estórias do Barão*. É professor de Expressão Dramática e Teatro e é, actualmente, actor residente do Teatro Oficina.

Helen Keller

Helen Keller nasceu em 1880 no Alabama e morreu em 1968. Foi a primeira pessoa cega e surda a fazer um bacharelato, aprendendo a comunicar depois dos esforços da sua professora Anne Sullivan para romper o seu isolamento. Keller escreveu doze livros e vários artigos, deu conferências e foi uma activista política contra a guerra e em defesa das pessoas com deficiência, do sufrágio das mulheres, dos direitos dos trabalhadores e do socialismo, entre outras causas progressistas. Lyndon Johnson atribuiu-lhe em 1964 a Medalha Presidencial da Liberdade.

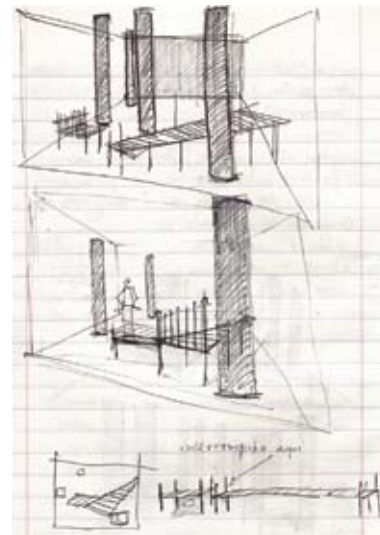
José Manuel Rodrigues

José Manuel Rodrigues iniciou a sua actividade profissional em 1997 no Fórum Romeu Correia, como responsável de iluminação. Colaborou depois com companhias de teatro como o Meridional, Artistas Unidos, Cão Solteiro, Primeiros Sintomas e encenadores como Diogo Infante, Natália Luísa e Luís Esparteiro. Fez ainda parte das equipas de iluminação do Centro Cultural Olga de Cadaval e do Teatro Maria Matos. Criou desenhos de luz para espectáculos como *Para além do Tejo* (enc. Miguel Seabra), *Endgame*, *Nunca-Terra* e *Macbeth* (enc. Bruno Bravo), *Foder e ir às compras*

e *A Mãe* (enc. Gonçalo Amorim). Actualmente é Assistente de Direcção Cenotécnica na Culturgest.

Luísa Cruz

Luísa Cruz é licenciada pela ESTC. Trabalhou com Luis Miguel Cintra, Rui Mendes, Adriano Luz, Christine Laurent, Stephan Stroux, Miguel Guilherme, José Wallenstein, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, G. B. Corsetti, António Pires, Jorge Pinto, entre outros. No cinema, trabalhou com Fernando Matos Silva, Leão Lopes e Teresa Villaverde. Participou em várias óperas no Teatro Nacional de S. Carlos. Prémios: Melhor Actriz - revista O Actor e Actriz Revelação - semanário Se7e (1989), Globo de Ouro 2005 - Actriz de Teatro.



A. Miller, Jorge Silva Melo, Shakespeare, Brecht, Müller, Pinter e Strindberg, entre outros. Trabalhou com os encenadores José Peixoto, Rogério de Carvalho, Artur Ramos, Jean Jourdeuil e Jorge Silva Melo. Fundou a Actores Produtores Associados, onde encenou Jacinto Lucas Pires, José Maria Vieira Mendes, Gonçalo M. Tavares, Pinter, Strindberg, B. Srbljanovic e A. Burgess. No cinema trabalhou com Manuel Mozos, Jorge Pinto, Jacinto Lucas Pires, Jorge Queiroga, Fernando Vendrell, António Cunha Telles, António Campos e Jorge Silva Melo (Prémio Dunkerque 93). Prémio Ribeiro da Fonte 2001 por *As Regras da Atração*.

Maria João Castelo

Maria João Castelo fez o curso de Realização Plástica do Espectáculo na ESTC. Colaborou com o Teatro do Montemuro, Teatro Praga, Teatro Meridional, Teatrão e Comédias do Minho. Trabalhou com Natália Luíza, Luís Gaspar, José Oliveira Barata, Sónia Aragão, Graeme Pulleyn, Abel Neves, Cristina Carvalho, Leonor Barata, Peter Cann, Thérèse Collins, Miguel Seabra, Madalena Victorino, Steve Johnstone, Frances Land, Nuno Pino Custódio, Gonçalo Amorim e João Pedro Vaz.

Pedro Carmo

Pedro Carmo iniciou o seu percurso no Grupo de Teatro Kula (ISEG) em 1993. No teatro destaca o trabalho sobre Handke, Shakespeare, Brecht, Lars Norén, Bernardo Santareno, Racine,

Mafalda Gouveia

Mafalda Gouveia faz produção de teatro desde 2004, estando a trabalhar desde essa altura com a Cristina Carvalho Produções Artísticas. Assumiu desde Setembro de 2004 até Dezembro de 2008 a direcção de produção da Associação Cultural Primeiros Sintomas, e paralelamente produziu peças para as Produções Próspero e Gonçalo Amorim. Foi uma das fundadoras da Associação Novo Circo em 1993, onde é desde então directora de produção.

Manuel Wiborg

Manuel Wiborg interpretou no teatro textos de Abel Neves, Joyce Carol Oates,

Camus, J. P. Shanley, José Maria Vieira Mendes, Mark Ravenhill, Boris Vian. Trabalha regularmente em televisão e cinema. A sua formação passou pela ESTC em Lisboa, Lee Strasberg Theater Institute, NYFA, Common Basis Theatre, Black Nexxus Studio e SITI Company em Nova Iorque.

Pedro Marques

Pedro Marques é licenciado em Realização pela ESTC e fez o curso de montagem do Filmcamp de Portland, Oregon. Como assistente de realização, anotador ou assistente de montagem colaborou em filmes de Eduardo Guedes, Teresa Villaverde, Solveig Nordlund, Fernando Lopes e Catherine Breillat. Trabalhou na montagem com realizadores como Margarida Cardoso, Sérgio Tréfaut, João Botelho e Pedro Costa. Prémio para a melhor montagem de documentário pelo filme *Lisboetas* e nomeação para a melhor montagem de ficção pelo filme *Juventude em Marcha* no Festival de Cinema Cineport (Brasil 2007). Realizou as curtas-metragens *Blood Makes Noise*, *Algodão Doce*, *Eu, luto*. Fez a dramaturgia, tradução e realização dos filmes para a peça *Omnisciência* (enc. Nuno Carinhas). Fez o vídeo de *Ego* (enc. João Pedro Vaz).

Rogério Casanova

Rogério Casanova frequentou o curso de Línguas e Literaturas Modernas na Faculdade de Letras de Lisboa. É, desde 2008, crítico literário no semanário *Expresso* e na Revista *LER*, onde assina

também uma coluna mensal. É autor do blogue *Pastoral Portuguesa*, também publicado em livro, sob o mesmo nome, pela Quetzal.

Sandra Faleiro

Sandra Faleiro tem o curso da ESTC. Trabalhou com Cristina Carvalhal, Bruno Bravo, Nuno Carinhas, Fernanda Lapa, Rafaela Santos, Carla Bolito, Ana Nave, John Mowat, Diogo Infante, Paula Sá Nogueira, João Perry, João Canijo, João Mota e Mário Viegas. Participou em filmes de Rita Nunes, João Botelho, Luís Alvarães e Manuel Mozos. Encenou Paul Auster, Lorca e Beckett, entre outros. Com *Sob o Bosque de Leite* de Dylan Thomas ganhou o Prémio Clube Português de Artes e Ideias.

Sérgio Delgado

Sérgio Delgado fez a sua formação na Escola Matos Ferreira e no Hot Clube de Portugal. É colaborador habitual de Cristina Carvalhal, Nuno Cardoso, Bruno Bravo, Jorge Andrade e Marcos Barbosa. Trabalhou com o Teatro da Garagem, Mala Voadora, Primeiros Sintomas, Teatro Oficina, Ana Nave, Sandra Faleiro, Natália Luiza, Diogo Infante e Pedro Gil, entre outros. Compôs temas para cinema, televisão e publicidade. É membro da banda Clark. Prémio Melhor Som - Festival Ovarvideo 2007 pela curta-metragem *Lianor* de Edgar Feldman.

Próximo espectáculo

© Susana Neves

Anticorpo

De e por João Costa



Dança Sex 25, Sáb 26 Setembro
Palco do Grande Auditório · 21h30
Duração aprox. 45 min · M12

Direção, concepção e interpretação João Costa
Desenho de luz Wilma Moutinho
Apoio dramaturgico Micaela Maia
Espaço cénico so.lu **Manipulação sonora** lupeca
Direção técnica Wilma Moutinho / Francisco Teles **Produção** salabranca
Co-produção Culturgest, Balletteatro

Regressando ao tema do corpo, neste trabalho tive vontade de me focalizar no sistema imunitário como aquele que nos permite sobreviver e conviver com outros seres que habitam em nós, substâncias, corpos estranhos que nos invadem.

Este sistema é extremamente complexo, constituído por um conjunto de pequenas células e proteínas especializadas, contribuindo todas para uma harmonia coreográfica que se vai escrevendo no espaço interior do corpo, invisível a olho nu.

Ao ser perturbada essa harmonia acontecem pequenos desequilíbrios e imediatamente o sistema reage para que no máximo da velocidade se restabeleça o equilíbrio inicial. Em todo este processo determinadas células conservam a memória do acontecimento e irão no futuro reconhecer o invasor. A memória existe nestas células tal como na consciência de cada um de nós.

João Costa

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo

chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira

chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção de Arte

da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@gcd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

